

LA FONTAINE: A PRETENSÃO MORALIZANTE DAS FÁBULAS.

Marcelo Antonio da Silva (CNPQ/ PIAQ/UFU)
e-mail: musicafilosofal@yahoo.com

Resumo: A presente comunicação a princípio pode facilmente se confundir com a pretensão de usar da literatura para discorrer sobre filosofia, porém o objetivo aqui é o oposto, ou seja, utilizar dos conceitos filosóficos para se analisar um texto literário e mais precisamente sobre o gênero denominado Fábulas, que tem como um de seus principais expoentes o francês La Fontaine. Para este autor as fábulas desempenham um duplo papel, que é de dar prazer a seu leitor e ao mesmo tempo ensiná-lo algo sobre a vida. Ainda na antiguidade grega, o filósofo macedônico Aristóteles, em seus escritos sobre a *poética*, fala sobre a importância de se imitar a vida através da poética, caracterizando a fábula como uma narrativa que possui aspectos característicos dessa forma de expressão. A partir da afirmação aristotélica objetiva-se, neste trabalho, valer-se da obra de La Fontaine para demonstrar a carga moralizante encontrada em tal gênero literário e por que filósofos, como Nicolau Maquiavel, que se valem de aspectos fabulosos para desenvolver sua filosofia política, além de relacionar o que o pensador alemão Wilhelm Dilthey afirma, ao dizer que toda interiorização busca expressão em um exterior, o que equivale a dizer que um poeta para desenvolver a sua obra, necessariamente se valerá dos símbolos que compõem suas *mundividências*, que por sua vez é inseparável de sua *vivência*, fato que talvez possa explicar por que La Fontaine tenha se valido das fábulas e não outro gênero.

Palavras chave: fábulas, La Fontaine, mundividência, vivências, filósofo.

Fábulas é um gênero difundido amplamente pelas mais variadas culturas ao longo da história. Podemos acreditar que são tão antigas quanto à oralidade, pelo fato de que “Esse caráter universal da fábula se deve, sem dúvida, a sua ligação muito íntima com a sabedoria popular” (ALVES, 2007, p. 23).

Ao falarmos de Fábulas como gênero literário, atribuímos a Esopo o mérito de criação, devido ao fato de ser o limite alcançado por nossa história no tocante a tal gênero. Existem até mesmo certos questionamentos se Esopo realmente existiu e se foi o criador das fábulas que a ele atribuímos. Costumamos datar a existência de Esopo ainda na Grécia Antiga aos séculos VII e VI antes de Cristo, mas acredita-se que as fábulas já eram utilizadas anteriormente pelos povos orientais. Segue a citação:

A Fábula, em si, é uma alegoria, uma prosopopéia. É um produto espontâneo da imaginação humana. A origem da fábula se perde no tempo, tornando difícil fixá-la. Acredita-se que a fábula tenha sido documentada desde o tempo de Buda, e consta que muitas fábulas, atribuídas a Esopo, já haviam sido divulgadas no Egito, quase 1000 anos antes de sua época (ALVES, 2007, p. 25).

Mesmo com tantas incertezas, como já foi mencionado acima, é a Esopo que atribuímos a origem oral das fábulas, que durante a Idade Média são reunidas em uma obra denominada “Vida de Esopo”, paralelas às fábulas de Fedro, como podemos observar a citação de Nelly Novaes Coelho:

Paralelamente aos contos maravilhosos, na Idade Média começam a circular as fábulas gregas de Esopo e as latinas de Fedro. Eram narradas em versos e em língua “romance” (a língua que foi apenas falada durante o longo tempo intermédio entre o latim – língua geral – e surgimento das novas línguas modernas: francês, italiano, português etc.) (COELHO, 2003, p. 41).

Esopo ficou com o mérito de *gênio* “criador”, quanto à Fedro, cujo nome original é Júlio Phedrus, que viveu do ano 15 antes de Cristo à 50 da Era cristã, atribuímos o mérito de ter trazido este gênero para a literatura latina. Tanto Esopo quanto Fedro foram escravos que posteriormente foram libertos. Sendo Esopo escravizado e libertado na Grécia Antiga, enquanto Fedro na Macedônia pelos romanos, porém ao se tornar homem livre já habitava Roma.

Esta foi uma parte do trajeto das fábulas desde Esopo, passando pelo período estóico romano e se afluando na Idade Média. Agora, antes de falarmos propriamente das fábulas de La Fontaine, faz-se necessário compreendermos algumas definições aristotélicas.

Aristóteles (2004, p. 37), também macedônico, viveu no século IV a.C. na Grécia Antiga, o que nos leva a acreditar que tenha conhecido as fábulas de Esopo. Do pouco que nos chegou de sua vasta produção bibliográfica filosófica, está a obra “Poética”, que trata da “natureza e das espécies da poesia” e no caso de nossa análise, “do modo como as fábulas se devem compor para dar perfeição ao poema” (ARISTÓTELES, 2004, p. 37).

Segundo Aristóteles, os variados tipos de poemas existentes tratam-se de imitações, mas não imitações de outros poemas e sim a imitação da vida e como a produzimos. Que por sua vez consistem de várias artes que “diferem umas das outras em três aspectos: imitam por modos diferentes, e não o mesmo, ou por objetos diferentes, ou por meios diferentes” (ARISTÓTELES, 2004, p. 37). Porém todas as formas de poesia, para Aristóteles, tratam-se da arte de imitar. É importante entendermos que Aristóteles entende por poesia a arte de tocar flauta, cítara, a de compor ou recitar versos, e assim por diante; o que difere um pouco da forma como a contemporaneidade entende a poesia. E ao classificar o poeta, Aristóteles diz:

Também recebe o nome de poeta quem escreve, em versos, tratados médicos ou de física; mas nada existe de comum entre Homero e Empédocles senão a métrica: assim, aquele que merece o nome de “poeta” e este, o de “naturalista”, mais que de poeta. Assim, quem fizer imitações combinando versos de todos os tipos, como Querêmon em *Centauro*, rapsódia composta

por todos os metros, não se lhe pode recusar a denominação de “poeta” (ARISTÓTELES, 2004, p. 38).

Feita esta distinção sobre o que é a poesia e o poeta para Aristóteles podemos pontuar melhor a atividade dos fabulistas e entendermos quem foi La Fontaine.

Segundo Luiza Maria a fábula é “uma das espécies literárias mais resistentes ao desgaste do tempo” (ALVES, 2007, p. 27) e ainda afirma que esta “teve sua forma definitiva na literatura ocidental, graças a Jean La Fontaine” (Alves, 2007, p. 27).

Nascido em 1621 na comuna francesa chamada Château-Thierry, La Fontaine pode perceber a transição da Idade Média para o período Moderno. Embora tenha se consagrado através das fábulas, uma “forma literária popular, então considerada “menor”” (Alves, 2007, p. 28), estudou teologia e formou-se em direito. Além das fábulas, La Fontaine escreveu romances, peças teatrais, parábolas entre tantas outras modalidades de escritos.

A época na qual La Fontaine viveu foi marcada por vários fatos históricos e um período de grande repressão, entre os quais podemos citar o caso de Giordano Bruno que foi condenado à fogueira no ano de 1600, Galileu Galilei também acusado de heresia foi reprimido e condenado pelo *Tribunal da Santa Inquisição*, se vendo obrigado a negar suas afirmações sobre o heliocentrismo; já em 1637 Descartes publica sua obra “Discurso do Método”, marcando desta forma a Filosofia Moderna; e em 1651 Thomas Hobbes publica sua obra “Leviatã” caracterizando outro divisor de águas entre o período medieval e o moderno. Essa era a transição entre o *Renascimento* e o *Iluminismo*, um período de intensos conflitos políticos, éticos e morais, ou seja, o cenário perfeito para se perceber as mazelas da sociedade francesa e européia, que La Fontaine não deixou passar despercebido.

La Fontaine foi um grande entendedor das fábulas e através delas se consagrou entre os escritores que produziram literaturas universais. O poder moralizante de suas fábulas continua tão forte quanto fora a princípio e desta forma vem perpassando as épocas sem deixar de se afirmar como literatura.

Para entendermos melhor o potencial das fábulas de La Fontaine citamos uma delas:

O GRANDE CONGRESSO DOS RATOS

Miciful, gato astuto, havia feito tal matança entre os ratos, que apenas se via um ou outro: a maior parte jazia morta. Os poucos que ousavam a sair de seu esconderijo passavam mil apuros: para aqueles desafortunados, Miciful não era um gato, mas o próprio diabo.

Certa noite, o inimigo dos ratos deu uma trégua, resolveu passear pelos telhados atrás de uma gata, com a qual ficou entretido em um longo colóquio; os ratos sobreviventes aproveitaram para se encontrar em um congresso, para discutir a grande questão daquele momento: o que fazer contra os ataques de Miciful.

O grande líder dos ratos, fazendo jus à sua posição, opinou antes de todos: “Por motivo de cautela, julgo ser preciso prender, sem demora, um guizo no pescoço de Miciful; assim, quando ele sair à caça, todos nós vamos poder ouvir e fugir do perigo!”

Todos concordaram com a idéia; a todos a medida pareceu excelente... porém, surgiu uma única dificuldade: saber quem iria amarrar o guizo no pescoço do gato. Um rato disse: “Não vou arriscar a pele, não sou assim tão tolo.” Outro: “Pois eu tão pouco me atrevo.” E assim, um a um os ratos foram desistindo da empreitada e o congresso foi dissolvido.

Assim sempre acontece nos conselhos e reuniões! Se precisar discutir e deliberar, os conselheiros aparecem aos montes, assim como planos e projetos. Porém, se algo precisar ser feito, aí não dá para se contar com ninguém! (LA FONTAINE, 2012, p. 6)

Através da fábula supracitada podemos perceber a crítica de La Fontaine à postura humana diante de uma tarefa a ser desempenhada. E nestes escritos podemos perceber as características clássicas das fábulas. A sua proximidade com ditos populares e a “moral” a ser passada através de poucas linhas. Citamos:

A grande maioria das fábulas tem como personagem animais ou criaturas imaginárias (criaturas fabulosas) que representam, de forma alegórica, os traços de caráter (negativos e positivos) dos seres humanos. Os gregos chamavam a fábula de apólogo, e esta palavra também passou a ser usada para designar uma pequena narrativa com seres inanimados e que encerra uma lição moral. A palavra latina fábula deriva do verbo *fabulare* “conversar” “narrar”, o que mostra que a fábula tem sua origem na tradição oral, alias, é da palavra latina fábula que vem o substantivo português “fala” e o verbo “falar” (ALVES, 2007, p. 24).

Desta forma poderíamos nos perguntar por que La Fontaine utiliza em maior parte da fábula e não exclusivamente de romances ou mesmo de outros gêneros literários. O filósofo alemão Wilhelm Dilthey (1977, p. 10), nos responderia que pelo fato “da reflexão sobre a vida nasce a experiência da vida. Os acontecimentos singulares que o feixe de impulsos e sentimentos em nós suscita na sua confluência com o mundo circundante e com o destino convertem-se nela num saber objectival e universal”. Segundo Artur Morão, para Dilthey “É próprio da vida manifestar-se e objectivar-se em símbolos, suscitar mundos, pois todo o dentro busca expressão num fora. Eis porque ela surge como a raiz última da mundividência (*Weltanschauung*)”. (DILTHEY, 1977, p.1).

Fazendo afirmar as palavras de Dilthey, anterior a La Fontaine, Nicolau Maquiavel (2010, p. 40) utilizou da fabula para mostrar à Lorezo II, O Magnífico, como deve proceder um príncipe que realmente sabe liderar. Proferindo as seguintes palavras: “Sendo, portanto, um Príncipe obrigado a bem servir-se da natureza da besta, deve dela tirar as qualidades da

raposa e do leão, pois estes não tem defesa alguma contra os laços, e a raposa contra os lobos”. Enquanto o filósofo jus-naturalista Thomas Hobbes utilizará de um monstro bíblico fabuloso chamado Leviatã para definir o que é o Estado e afirmará o caráter imitativo da arte mencionado por Aristóteles. Citamos Hobbes:

E a arte vai mais longe ainda, imitando aquela criatura racional, a mais excelente obra da natureza, o Homem. Porque pela arte é criado aquele grande Leviatã a que se chama Estado, ou Cidade (em latim Civitas), que não é senão um homem artificial, embora de maior estatura e força do que o homem natural, para cuja proteção e defesa foi projetado (HOBBS, 2004, p. 8).

Desta forma podemos dizer que tanto Maquiavel, como Hobbes, quanto La Fontaine, se valem da captação de símbolos de sua época. Maquiavel para separar a Política da moral cristã, Hobbes para dizer o que é o Estado e La Fontaine para mostrar e moralizar a sociedade esvaziada de princípios éticos do século XVII. Essa captação de símbolos que a vida nos proporciona é o que Dilthey chama de *mundividência*, que por sua vez, só é possível graças a nossa *vivência*.

Assim podemos concluir com as palavras de Aristóteles (2004, p. 40) que afirma que “Ao homem é natural imitar desde a infância – e nisso ele se difere dos outros seres, por ser capaz da imitação e por aprender, por meio da imitação, os primeiros conhecimentos -; e todos os homens sentem prazer em imitar”. Talvez aí se encontre o poder e o fascínio das fábulas que La Fontaine dominou como poucos.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, Bernardes Siqueira. *História da Filosofia*, Organização e texto final, São Paulo: Nova Cultural, 2004 (Os pensadores).

ALVES, Luiza Maria Leite Machado. *Leitura de fábulas e escrita: percurso de subjetivação ética do aluno-professor.* / Luiza Maria Leite Machado Alves – Taubaté: UNITAU, 2007.

ARISTÓTELES. *Aristóteles*. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004 (Os pensadores).

COELHO, Nelly Novais. *O conto de fadas: símbolos mitos arquétipos* / Nelly Novais. – São Paulo: DCL, 2003.

DILTHEY, Wilhelm. *Os tipos de concepção de mundo e o seu Desenvolvimento nos Sistemas Metafísicos*. Tradução Artur Mourão, Gotinga: LusoSofia, 1977.

ESOPHO. *As fábulas de Esopo*. In: Domínio Público. Adaptação de Joseph Shafan – A. José C. Coelho, 2008.

HOBBS, Thomas. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. In: Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2004 (Os pensadores).

LA FONTAINE, Jean. *Fabulas de La Fontaine: “obra-prima da literatura universal”*. – v. 02. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo: Editora Escala.

_____. *Fabulas de La Fontaine: “obra-prima da literatura universal”*. – v. 03. Tradução e adaptação de René Ferri. São Paulo: Editora Escala.

MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe; e escritos políticos / Nicolau Maquiavel*. Tradução: Livio Xavier – 1 ed. – São Paulo: Folha de S. Paulo, 2010.